

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

Conselho Editorial

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Presidente*WILSON FIGUEIREDO — *Vice-Presidente*SÉRGIO RÊGO MONTEIRO — *Diretor*MARCELO PONTES — *Editor*PAULO TOTTI — *Editor Executivo*MARCELO BERABA — *Editor Executivo*ORIVALDO PERIN — *Secretário de Redação*EDGAR LISBOA — *Diretor Executivo Agência JB*

A Década Perdida

Economia - Brasil

Os economistas brasileiros acostumaram-se a designar os anos 80 como “a década perdida”, na qual, descontando o impulso de crescimento do Plano Cruzado, em 86, o Brasil já conheceria a recessão antes da crise da dívida externa, e teve a maior inflação de sua história, com gravíssimas conseqüências sociais, culturais e econômicas.

Completa-se hoje uma década de experiências heterodoxas com planos de estabilização. É importante, portanto, que a sociedade reflita sobre esse período e não desperdice a nova oportunidade que o Plano Real deu ao brasileiro de construir, a partir de uma moeda estável, uma nação moderna, aberta e socialmente justa e democrática.

O Real já venceu enormes obstáculos. Nos 19 meses (que se ampliam para 22 meses, computando-se os três meses preparatórios da URV), derrubou a inflação da faixa mensal de 45% para menos de 1% ao mês. Superou a ameaça de crise cambial vinda do México. Reequilíbrio a balança comercial e ultrapassou duas crises no mercado financeiro. Resistiu até aos políticos, os principais responsáveis pelo malogro do Cruzado.

A grande ameaça ao Real continua sendo a falta de eficiente política fiscal. O Estado vem fugindo ao ajuste de suas contas desde 1979, quando os gastos já superavam a receita. O crédito externo mascarou a situação, até a crise da dívida em 82 pôr a nu o setor público.

Embora o Brasil não tenha hoje as limitações do

Cruzado em termos de safra agrícola ou de restrições cambiais, continua carecendo de uma política fiscal realmente eficaz. O desafio do Real é exatamente conseguir que o país troque a ancoragem cambial e monetária pela estabilidade sustentada na política fiscal. A dobradinha juros altos-câmbio amarrado desacelera a economia privada, com sacrifícios para empresários e trabalhadores, e onera o endividamento público e privado.

O ataque vigoroso aos problemas fiscais — mediante corte das despesas públicas em todos os níveis de governo e reformas modernizadoras do Estado, incluindo a redução de pessoal e a privatização de empresas — precisa ser complementado por corajosa reforma tributária e a inadiável reforma previdenciária, de modo a gerar poupança para investimento. Num e noutro caso, trata-se de encolher o Estado e torná-lo mais eficiente, liberando recursos para a iniciativa privada investir com mais proveito na retomada do crescimento econômico, ficando com o governo exclusivamente a responsabilidade social.

O presidente Fernando Henrique Cardoso confirma no governo a consciência do seu papel histórico de mobilizar a sociedade e o Congresso para as reformas modernizadoras do país. A consolidação de uma nova mentalidade nacional depende muito de medidas corajosas dos políticos. O destino do Real (e da sociedade) está nas mãos do Congresso.